

DECRESCIMENTO ECONÔMICO E VISÕES DAS ECOLOGIAS DIGITAIS



IV SICCAL

[GT 1 - PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E FRUIÇÃO DE BENS CULTURAIS]

Decio Ferreira Forni

Universidade Anhembi Morumbi (UAM)

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

O objeto de estudo aqui é o do questionamento da visão das ecologias digitais que privilegiam óticas futuristas em certo detrimento de críticas sociais e econômicas de curto prazo. Corroborando com estudiosos que vêm procurando uma via intermediária do assunto, com uma crítica interessante ao discurso do sustentável, que ainda nos propõe crescer sempre, frente à proposta do decrescimento, que busca uma visão orgânica de economia e vida. Se (parte) da teoria da ecologia da comunicação usa a renovação da visão da sociologia, em que o ser humano era o centro das questões, para uma ótica planetária, o objetivo principal aqui é o de usar toda a inteligência atual para centrar no humano agora. São citados autores ligados à discussão do decrescimento (Pinheiro, 2017), ecologias digitais (Felice, 2012), desafios no capitalismo cognitivo (Negri, 2003), que levam à novas epistemologias (Souza, B. 2017) e chega na encefalização da comunicação (Pasquinelli, 2018) e sugere soluções.

Palavras-chave: Decrescimento. Sustentabilidade. Futurismo. Pós-humano. Ecologia da comunicação.

The object of study here is the questioning of the vision of digital ecologies that privilege futuristic perspectives to some detriment of short-term social and economic critiques. Corroborating with scholars who have been looking for an intermediary route of the subject, with an interesting criticism to the discourse of sustainable, which still proposes to grow always, in the face of the proposal of degrow, which seeks an organic vision of economy and life. If (part) of the ecology theory of communication uses the renewal of the view of sociology, in which the human being was the center of questions, for a planetary view, the main goal here is to use all current intelligence to center on the human now. There are cited authors related to the discussion of decay (Pinheiro, 2017), digital ecologies (Felice, 2012), challenges in cognitive capitalism (Negri., 2003), which lead to new epistemologies (Souza, B., 2017) encephalization of communication (Pasquinelli, 2018) and suggests solutions.

Keywords: Degrow. Sustainability. Futurism. Post-human. Ecology of communication.

El objeto de estudio aquí es el del cuestionamiento de la visión de las ecologías digitales que privilegian óticas futuristas en cierto perjuicio de críticas sociales y económicas a corto plazo. Corroborando con estudiosos que vienen buscando una vía intermedia del asunto, con una crítica interesante al discurso de lo sustentable, que aún nos propone crecer siempre, frente a la propuesta del decrecimiento, que busca una visión orgánica de economía. Si (parte) de la teoría de la ecología de la comunicación utiliza la renovación de la sociología, en la que el ser humano era el centro de las cuestiones, hacia una óptica planetaria, el objetivo principal aquí es el de usar toda la inteligencia actual para centrarse en lo humano ahora. Se citan Autores de lo decrecimiento (Pinheiro, 2017), ecologías digitales (Felice, 2012), capitalismo cognitivo (Negri, 2003), nuevas epistemologies (Souza, B. 2017) y llega a la encefalización de la comunicación (Pasquinelli, 2018) y sugiere soluciones.

Palabras clave: Decrecimiento. Sostenibilidad. Futurismo. Post-humana. Ecología de la comunicación.

Nos últimos anos temos vivenciado um mundo altamente tecnológico, porém, em contrassenso com um olhar de crescimento que somente tem aumentado os riscos ambientais, sociais e econômicos para a maior parcela da vida humana na terra. Ao mesmo tempo em que estamos em uma era em rede, com o mais alto grau de inteligência conectiva, a beleza deste progresso pode estar nos cegando para olhar nossos pares e o planeta em que vivemos.

Por coincidência, próximo a uma região crítica a este tema, que é a Amazônia, o Prof. Dr. Elimar Pinheiro (2017), da Universidade Federal daquele estado (UFAM), explica a lógica do decrescimento citando diversos autores (LATOUCHE; EHRLICH, 1968; GEORGESCU-ROEGEN, 1972) que antecederam a visão que hoje é trabalhada por outros autores globais de que “[...] a humanidade está chegando a um ponto em que é urgente uma inflexão nos parâmetros de produção e consumo. Assim, mudanças drásticas terão que ser tomadas para a sustentabilidade” (PINHEIRO, 2017, p. 32-33).

Segundo ainda o autor, algumas destas mudanças seriam resumidas em alguns conceitos: Reduzir (as embalagens e os resíduos sólidos, etc), Reutilizar (os materiais, para não precisar produzir mais) e Redistribuir (a riqueza produzida). Desta forma, são sugestões ligadas a outra forma de economia que não somente a de crescimento do PIB, considerada uma falácia como visão de progresso.

Já na comunicação, parece que mesmo as visões positivas associadas a uma internet das coisas, em dados espalhados em tudo e no todo (Big Data), que geram conexões próximas ao cérebro com

cenários de ativismos bons em alguns casos, sugerem estar longe de uma crítica ecológica. Explicando a visão de pensadores que atualmente correlacionam o todo e a comunicação, um autor cita:

A tradicional ideia de *media* está falida: todo o ambiente deve ser considerado *media*: a água, o fogo, o céu, a terra e os outros elementos – sublimes, perigosos e maravilhosos. Os *media* são, ao mes-mo tempo elementos naturais e produções humanas. A importância e a urgência da filosofia dos *media* está em compreender seu sentido amplo. (PETERS, 2014, apud FELICE, 2017, p. 236, grifos nossos).

Também é explicado pelo autor que toda esta lógica foi capaz a partir dos satélites, enfim, da conquista do espaço pelo homem, podendo se auferir (ao menos parcialmente) uma visão de evolução da comunicação após isto. A “apropriação” de tudo a partir do viés acima, traz evidências que direcionam para pouca crítica ao sistema.

A questão toda é que ainda que este avanço correlacione-se a um certo olhar de “progresso” econômico, em que uma das vias de crescimento do PIB está atrelada às telecomunicações, pouco ou nada se reflete a respeito do uso destes pontos para um viver melhor, que como citadas evidências anteriormente, caminham mais em direção a um decrescimento.

Uma crítica contundente a esta tentativa de reflexão seria a de expor que sem este *welfare* avançado da década de 1980 até agora, não teríamos a internet e, por consequência não chegaríamos à inteligência conectiva e, portanto, nem estaríamos

aqui discutindo o decrescimento, pois o mundo estaria ainda pouco evoluído.

Contudo, parece que somente o esforço de alguns novos pensamentos, coligados a esta infraestrutura é que está procurando promover de fato um olhar ecológico, desconstruindo de alguma forma estruturas anacrônicas que vêm nos conduzindo a graves problemas estruturais. Um exemplo é o conceito de “*sharing economy*”, na qual, por exemplo, aplicativos atuais geram trocas de serviços por serviços sem a parte financeira, também aluguéis de itens já usados ou captações de alimentos, trazendo ganhos a todos.

Ainda que belas as visões de um pós-humano, as teorias apresentadas parecem pecar por não atentar que o mínimo humano ainda sequer foi resolvido. Claro que vislumbrar com futurismo não implica em deixar de dar atenção ao agora, mas em alguns momentos, percebe-se uma aceleração do discurso na fala daqueles que já adiantam o fim de ciências que sempre colocaram o humano no seu centro:

No lugar do social, prisão que a sociologia herdou, sem jamais questionar sobre suas taras originais, aparece um outro sentido do social, mais próximo da etimologia, como associação e coleção.(...) Parece à primeira vista, que nos podemos afastar da natureza para ir em direção aos humanos. A tentação é grande; não há como não se deixar levar. (...) Tornando visível a mediação das ciências, podemos partir da natureza, não para ir em direção ao humano, mas, tomando uma bifurcação em ângulo direto, em direção à multiplicidade de naturezas, redistribuídas pelas ciências, o que se poderia

chamar de pluriverso. (LATOUR, 2004, apud FELICE, 2012, p. 184).

A respeito desta perspectiva, que não busca limitar quaisquer novas realidades, mas sim de avaliar o peso que um não-olhar para modelos que de fato estão criando crises, surge a questão do choque das ciências em um dito capitalismo tardio (JAMESON, 1991), em que corremos o risco de abordar uma visão quando outra ainda nem foi completada.

A respeito das discussões acerca de um núcleo duro de conhecimento que faz a vida do planeta terra (humano) girar, o capitalismo, autores estão discutindo sua relação com a comunicação e, por consequência, inserido em um contexto digital, conectivo, mas que, ao mesmo tempo, parece cada vez mais convergir para uma expropriação sutil, como cita Negri:

O desenvolvimento capitalista, a criação capitalista do valor se baseia, cada vez mais, no conceito de captação social do próprio valor. A captação da novidade, expressão da atividade criadora, é o resultado de uma socialização crescente da produção. O que significa, ainda: a empresa deve poder valorizar a riqueza produzida pelas redes que não lhes pertencem; a empresa, e portanto a organização do capitalismo cognitivo, se baseia cada vez mais em uma capacidade de apropriação privada, imposta por meio da captação dos fluxossociais do trabalho cognitivo. (Negri, 2003, p. 94).

Através do olhar da chamada bioética, um autor da área desenvolveu o conceito de mistanásia (RICCI, 2017), sendo a reflexão sobre mortes provocadas pela exclusão social.

Ao invés do conceito conhecido, em que um parente livra alguém que está sofrendo da vida, neste viés a sociedade conduz à morte milhares de humanos, por não compreender como seus pressupostos coletivos de sobrevivência estão desgastados.

Quanto à utilização inteligente de softwares e inteligência cognitiva que utiliza dados da rede e podem resolver problemas humanos complexos, vê-se aí muito melhor utilização das mesmas, quando persegue um olhar aproximado ao que os críticos do crescimento constante fazem à evolução, não no sentido de expandir itens, mas o “o que” expandir. Por exemplo, estaríamos medindo a economia com um olhar errado. Uma autora futurista, já sugeria, que as métricas deveriam ser outras:

[...] o PIB está vagarosamente cedendo lugar em muitas instâncias governamentais e livros acadêmicos a indicadores mais amplos, como o Índice de Bem-Estar Nacional Líquido (NNW – Net National Welfare) do Japão, o Índice de Qualidade Física de Vida (PQLI – Physical Quality of Life Index) do Conselho de Desenvolvimento Internacional, o indicador de Necessidade Humanas Básicas (BHN – Basic Human Needs), desenvolvido pelo Programa Ambiental das Nações Unidas. (HENDERSON, 1991, p. 52).

Ou seja, o decrescimento infere modificar o “o quê” se está considerando desenvolvimento sustentável. Precisamos melhorar nossas métricas, que não podem somente voltar os olhares para visões planetárias, quando uma engenharia de mudança econômica deverá ser feita primeiro aqui e, após, discutir-se sobre um pós-humano.

Nos últimos anos, tem-se buscado pesquisar sobre utopias que na verdade agora fazem sentido com o mundo em que estamos, mas que, de certa forma, exigem reflexões sobre paradigmas que se assentam em modelos ultrapassados. No site de do IEA (Instituto de Estudos Avançados – USP), um grupo propõe coligar pesquisas sobre a revolução das invenções, com um mundo futuro sem miséria e redução de danos.

Também olhares fora do eixo de pensamento dos grandes centros visam repensar epistemologias de países e centros outros, que não os que estão atrelados a poderes antigos. Como já citado, não é questão de criar uma zona de confronto entre ligações mais fortes ao capital, versus outras que nem tanto, ou, então, entre “integrados e apocalípticos”, como já sugeriu Umberto Eco, mas sim de trazer uma visão intermediária que também aplaque alguns anseios da comunicação que foquem no agora:

No percurso de construção do “pensamento abissal”, como espaço de atuação de suas duas formulações sociológicas; “Sociologia das Ausências” e “Sociologia das Emergências” que pode nos levar a uma nova dimensão de análise do conhecimento instituído na sociedade atual: uma “ecologia de saberes” (BOAVENTURA SOUZA, 2010, apud DE OLIVEIRA, 2011, p. 194-197).

Este contexto todo de muito olhar tecnológico e pouco humano, nos remete a críticas que vem sendo feitas na atualidade sobre como o discurso se sofisticava para descontextualizar a inteligência humana e propor uma visão de futuro que será para poucos, ao invés de refletirmos em como criar novos processos. Alguns destes novos dados são expostos na sequência.

Os discursos da desconstrução do humano versus os da sua valorização

Como se percebe, portanto, a desumanização nos discursos da tecnologia vem ganhando corpo a cada ano, inicialmente via políticas citadas, agora mais sutilmente na mídia, em expressões como *machine learning*, internet das coisas, mídia programática, entre outras que vão surgindo, denotando instâncias destes produtos e serviços, em que uma inteligência própria é gerada cada vez mais, abrindo mão da necessidade de forma direta da interferência humana.

A discussão vai desde aqueles que veem um amplo aspecto de oportunidades para uma mão de obra qualificada para aqueles que percebem o início de processos complexos em que já ocorrem: a falta de emprego, a robotização de muitas funções, etc, ancoradas em um processo sem volta em que uma inteligência coletiva e conectiva são transferidas sistematicamente para momentos em que antigamente só o humano intercederia para sua efetivação.

Se por um lado é natural, a partir da evolução que temos hoje, que se passe cada vez mais a copiar e até substituir o cérebro, que na prática (obviamente) são gerados e trabalhados arduamente por programadores, com interfaces construídas por pesquisadores e assim por diante, portanto com muito uso de reais encéfalos, por outro, de fato certos aspectos gerados têm quase uma inteligência própria, como é o caso das “máquinas que aprendem”, aperfeiçoando softwares a cada interação.

Em discussão atual acerca do que de fato seria esta substituição do cérebro

humano, Nicholas Carr e o ex-campeão mundial de xadrez Kasparov discutem, em resenha recente sobre o livro *Deep Intelligence* (Carr, 2017), que é inegável a evolução que as máquinas tiveram. Kasparov, que de certa forma sempre ajudou a computação no esporte, mas ao mesmo tempo tinha dúvidas desta capacidade cognitiva, têm sugerido que novos fenômenos podem nos surpreender.

Em um trecho do material deles, são citadas vitórias de máquinas em jogos como o *Jeopardy* e *Go*. (um norte-americano e outro chinês), disputas estas nas quais oponentes humanos e a mídia que transmitem as partidas não sabiam que jogadores disputavam e que, ao final, com a vitória das máquinas, reforçaram – ao menos em parte – as teses de Alan Turing a respeito de novas formas de inteligência.

Logicamente, muitos destes também apontam que nada se aproxima do cérebro humano em complexidade, em elementos de subjetividade e sensibilidade que nenhuma máquina explica ou se aproxima, em especial para certas tarefas. Extensivamente discutido por autores de ficção científica, filmes reflexivos na área, além de logicamente ser o centro de pesquisas avançadas em áreas transdisciplinares entre ciências humanas e biológicas em especial, a supremacia dos encéfalos é questionada, mas por fim se sobressai e o lado humano deveria ser mais destacado.

Em outro espectro, da bioética, entretanto, cada vez mais fica claro que a real inteligência é aquela que poderá nos trazer qualidade de vida e não somente grandes feitos técnicos, lucros maiores que na ponta final destroem a natureza e podem gerar

maiores dramas humanos pelo planeta. Certamente, esta abordagem se aproxima do conceito de complexidade, em que se responder sobre o que é inteligência, demandaria avaliar aspectos muito mais amplos que somente produzir novos resultados a partir da cognição de dados, mas sim a percepção sensível disto tudo.

Nunca tivemos uma oportunidade tão grande em termos de mundo para colaborar e ter como resultados ganhos a todos os envolvidos. A visão capitalista clássica está passando por uma revisão, por outro lado ainda é um paradigma para a moral humana, pois foi construído ao longo de séculos a lógica de que para haver um vencedor haverá um perdedor.

Entretanto, numa visão simplista para esta discussão, mas necessária para visualização rápida de cenários atuais necessários e futuros, seria mais inteligente utilizar toda a rede, seus aplicativos, para uma humanização do planeta. Este embate nos conduz a uma melhor compreensão do pós-humano.

A discussão do pós-humano e a encefalização no momento atual

Segundo Pasquinelli (2016), de certa forma a sociedade atual e a mídia tem um apetite voraz em criar nomenclaturas, expressões e pessoas-ícones, que “mistificam” a real questão da inteligência das máquinas, mais uma vez simplificando fatos importantes que envolvem perceber lógicas capitalistas clássicas, que caminham para um crescimento estrutural e

alienante, baseado ainda na exploração de uns pelos outros.

O autor já abordava a extensão frente ao chamado capitalismo cognitivo anteriormente, explicando, por exemplo, como atualmente nos moldamos à sermos produtores gratuitos para grandes portais e sites que lucram sem termos um contraponto financeiro do trabalho envolvido. Logicamente, deve-se visualizar aqui que todas estas relações de trabalho se modificaram, que no fundo há a lógica da *freeconomy* (Anderson, 2009), em que o pagamento do autor se dá não por lucro imediato mas por reputação após produção.

Entretanto, faz-se muito pertinente e interessante a provocação de Pasquinelli (2016), a respeito, por exemplo, da contextualização da mídia a respeito de tecnologias cognitivas, como é o caso do Watson da IBM, sob a qual surge a expressão *machine learning*. Neste caso, em específico, seria de fato “pensar” o fato destes softwares captarem tudo que está na *Big Data*, resgatarem de forma capaz e os trazerem de forma rápida para tomada de decisão? Elas de fato “aprendem” com o processo? São indagações que movem múltiplas áreas e que aqui não caberia espaço para chegar a respostas precisas, porém, pelo que se mostra por ora, são válidas para se perceber que o que temos são formas complementares à habilidade humana.

[Figura 1]

Evento IBM de Machine Learning – “A nova era da inteligência contínua” (tradução própria)

IBM Machine Learning Launch Event
The New Era of Continuous Intelligence
Join us Wednesday, February 15, 2017 @ 2:00 p.m. ET

Fonte: IBM, 2018.

Por sua vez, estes fatos se coligam ao interessante estudo do pós-humano na área de comunicação. Advinda em especial das discussões da escola cibernética, em que pensadores provinham de áreas transdisciplinares, como a Física, Matemática e Biociências, entre outras, foi possível discutir o quão simplistas por vezes a visão da área foi tratada, sem trazer à tona fenômenos da natureza, reflexões de fenômenos não humanos em que o comunicar se dá de diversas outras maneiras. Também, como a visão antropocentrista (homem no centro de tudo) vem se desconstruindo continuamente, mudança esta que seria reforçada mais ainda agora por uma desmaterialização no digital, que mais e mais denota a visão do pós-humano.

Poderia se arguir aqui, como trazido no livro *Sapiens* (2017), questionado por alguns mas não deixado de ser notado por diversos pensadores e leitores recentemente,

de que “há evidências de que a história do homem na face da terra foi destrutiva para outras espécies”, ou seja, poderia não ser por acaso que agora – em um estágio em que ele mesmo traçou – seria mais humanista uma nova sociedade regulada por outras inteligências do que deixar o planeta continuar a ser conduzido por decisões por muitas vezes com caráter predatório.

Já na história da humanidade, o autor indaga ainda fenômenos como das guerras e o nazismo, em que a capacidade humana foi toda conduzida para destruição, aniquilação de uns pelos outros, chegando ao momento contemporâneo, em que a economia se centra ainda na exploração dos animais, dos recursos, parece que exigindo agora até o final deste século a extrema evolução de novas formas de sobrevivência, mas que em última instância também exigirão novas formas de comportamento. Porém, de fato, os sistemas humanos de trocas permitirão isto ?

[Figura 2]

Contínua visão de exploração, similar à citada no livro *Sapiens*



Fonte: Google Imagens, 2018.

Ao mesmo tempo em que uns traçam um futuro sombrio (baseados em evidências históricas), outros veem no pós-humano

sinais positivos. Mais uma vez, não como regra mas por uma consequência Darwinista da vida humana na terra, formadores de

opinião advindos dos principais centros são alçados à protagonistas que poderiam nos conduzir a novas relações.

É o caso de Elon Musk, capa de diversas revistas, citado como o cérebro de uma nova geração, inicialmente centrado na evolução dos carros elétricos e chegando ao uso inteligente de novas formas de energia. O discurso deste, como diz Paquinelli, corrobora para a transmissão da capacidade humana para as máquinas, em várias medidas.

[Figura 3]

Projeto de integrar Chip ao Cérebro / Projeto Neuralink



Fonte: Revista Isto é Dinheiro, 2017.

No caso acima, em projeto chamado Neuralink, Elon teria a intenção de coligar um cérebro humano a um chip, segundo dados da Revista Isto é Dinheiro (2017). Já abaixo, em matéria da revista Inc, a capa cita “Pronto para colonizar Marte”, ou seja, direcionamentos para o fim da humanidade, seja na capacidade do cérebro, seja pela terra já não ser mais o suficiente.

[Figura 4]

Discurso da colonização de Marte / Fim da era terrestre



Fonte: Revista Inc, 2018.

Estes fatos nos levam a perceber estas ações também ocorrendo nos discursos de profissionalização da área de comunicação, com repórteres-robôs, conteúdos automáticos, mídia “auto-programada”, que logicamente ensejam melhorias que não teriam como não ocorrer. Mas, em certos momentos, com riscos ligados à encefalização de processos bem humanos ainda e, que, infelizmente

só podem estar contribuindo para nos afastarmos de discussões importantes na política, na economia de comportamentos, na geração de novos hábitos necessários (que não ocorrerão facilmente por livre e espontânea vontade), fatos estes sim, importantes e ligados à uma visão humanista que para ser construída embutirá de forma mais equilibrada o uso das tecnologias e revisões da nova modernidade, por que está passando o Brasil.

Flagelos humanos, pós-humanos e oportunidades via capitalismo tardio

Parece, assim, que se abrem novas oportunidades, há muito já discutidas por economistas de vanguarda, cientistas na área de ciências da vida, além da computação como recurso de inteligência conectiva, nas formas de perceber e medir o crescimento dos países e sociedades pelo mundo não centradas nas lógicas antigas, mas sim por índices sociais adequados como, por exemplo, índices da ONU ligados à qualidade de vida de modo geral e dos chamados serviços ambientais.

No Brasil e em outros sistemas considerados “tardios” (Jameson, 1992), flagelos humanos ocorrem verificando-se ainda mais os contrastes entre altíssima renda e acessos tecnológicos, verificando-se situações de falta de condições humanas básicas.

Este microcosmo representa não só um macrocosmo conceitual, mas também trazem discussões de pensadores em que um pós-humano prepondera, mas que não é fácil de verificar que um “*high touch*”

(Naisbitt, 2000) seria ainda mais necessário. As tecnologias sociais atreladas a uma visão de economia circular podem fazer de problemas até oportunidades.

[Figura 5] Extremos convivendo, paradoxos de uma visão pós-humana



Fonte: Google Imagens, 2018.

Aparentemente haveria espaço para todas as frentes: equacionar o uso das redes, com pensamento econômico de fato colaborativo, amparado em leis que punam erros e reforcem comportamentos viáveis, com ganhos aparentemente a todos. Mas isto exigirá reflexões de desconstrução de discursos que podem ir “contra” a vida humana ou a esvazie (com termos alienantes ou ecologias pós-tudo) sem que percebamos. Alteridades que são compreendidas pelos extremos que a comunicação se encontra hoje, de uma dita economia da abundância via *apps*, para outra de baixa redistribuição a todos no planeta.

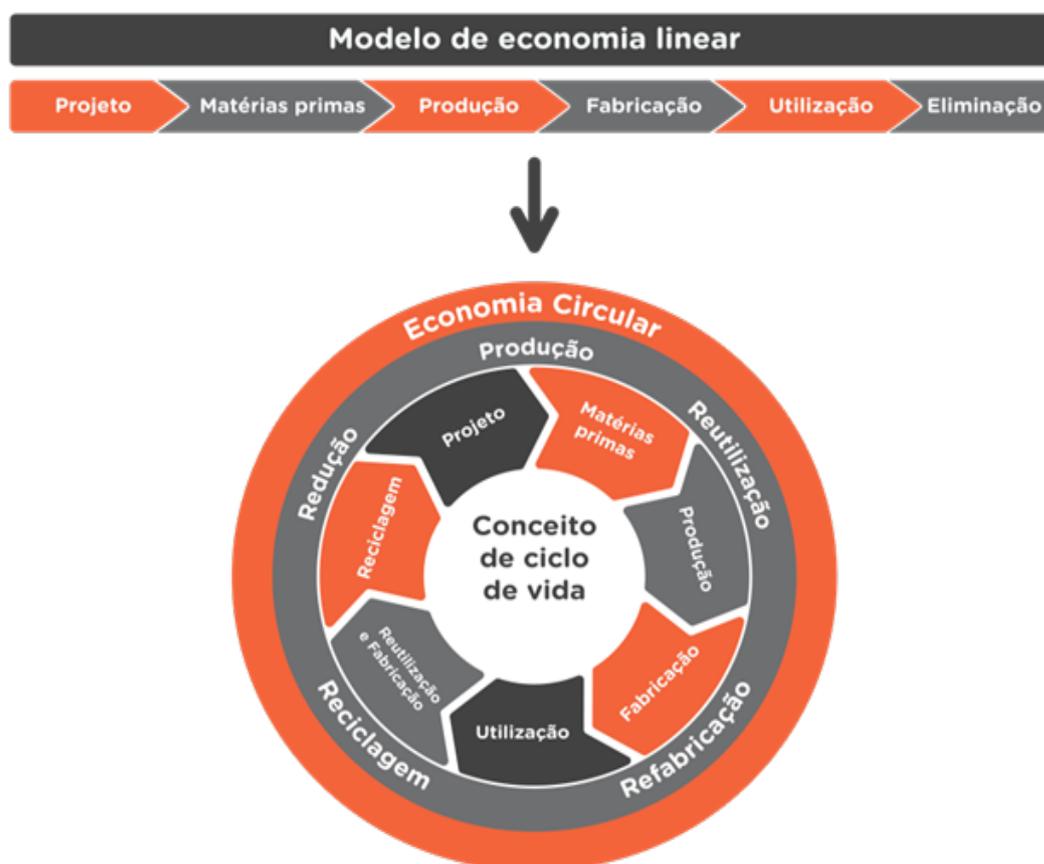
Algumas empresas estão coligando os problemas às oportunidades de se criar uma economia que transforma exclusão e maior geração de desperdícios e emissão de poluentes em “negócios sustentáveis”. Por exemplo, é o caso do programa Benchmarking Brasil, que há alguns anos

vem incentivando práticas sustentáveis entre empresas de todo o país, reconhecendo, certificando e compartilhando formas viáveis para “promover a harmonia próspera na convivência do homem com seu meio” (Website, 2018).

Visões estas que conflitam com o pensamento pós-humano citado e propõem, em modelos de economia integradora, como é um caso da área de siderurgia no gráfico abaixo, a diferença entre a cultura de só produzir e descartar para outra não-linear:

[Figura 7]

Comparativo entre economia linear e circular – exemplo aço



Fonte: Arcelor Mittal, 2016.

Segundo a empresa “A reciclagem impulsiona a economia local, abrindo espaço para o trabalho de atores locais” (2016), ou seja o fator inclusão de pessoas mais necessitadas, que podem ter seu trabalho simples acoplado a necessidades maiores, gerando benefícios a todos.

Isto significa uma boa vontade, uma visão humanista, não em oposição

ao desmonte completo de uma situação econômica que ainda depende de certas estruturas de produção para funcionar, mas, sim, de se discutir o lado humano do processo. Os exemplos anteriores citados, em que discursos ostensivos de encefalização das máquinas, automação de processos, entre outros que, se sabe, embutem no fim muito ainda do humano, podem concorrer para riscos de

se achar que o contínuo progresso por vias pós-humanas são fatos dados.

Pode sim haver oportunidades na coligação de processos avançados, tecnologias e processos disruptivos visando um bem comum, uma vez que se mantenha ativa a observação dos flagelos diários que vemos ao nosso lado. Não defendemos aqui a panaceia de um retrocesso de tecnologias, nem de não se pensar o futuro, mas sim que poderá ser ainda mais benéfico – seja na área de comunicação, seja em outras áreas – se mantivermos atento o olhar para certas distorções discursivas que parecem trazer a promessa de um bem, sem perceber que está banalizando a vida humana.

Considerações Finais

Uma das etapas mais difíceis na equalização de um sistema de maior equidade é a etapa de decrescimento citada como Redistribuir. Seja em nosso sistema econômico que acaba gerando altas concentrações de recursos, seja também nas epistemes convencionais, que prezam mais pelo pensamento dos dominantes.

O artigo busca refletir como surgem teorias cujo espaço do humano perde força, ou ao menos em que pouco se percebe de reflexão para questionar como usar a tecnologia para melhorar de fato as relações com o meio ambiente, entre as pessoas e destas com relação a necessidades urgentes dos que estão ao nosso redor.

Estas questões podem se cruzar, como visto. Propostas de compartilhamento, de unir redes e necessidades, de trazer dados e qualidade de vida, podem começar com um olhar da economia que é inclusiva, que põe a participar todos na comunidade a partir do momento em que consumirmos menos ou reutilizarmos e, também, quando propomos uma ecologia de costumes e não só dos belos feitos técnicos que poderão nos salvar do apocalipse que nós mesmos estamos propondo ou agindo a favor.

Um decrescer econômico e de costumes se faz necessário, ele é possível conjugando e não excluindo toda inteligência adquirida até agora. Confrontar essas visões poderá auxiliar em pesquisas, reflexões e ações que nos façam enxergar um sistema sofisticado que nos afasta do agora e nos empurra só para um futuro pós-tudo. ■

[DECIO FERREIRA FORNI]

Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC/SP, 2013), Mestre em Administração e Planejamento (PUC/SP), Pós-graduado em Comunicação de Marketing (ESPM/SP, 2009), Graduado em Publicidade e Propaganda (UMESP, 1989). Professor nos cursos de marketing e negócios na Universidade Anhembi Morumbi. Atuou por mais de 15 anos em empresas nacionais e multinacionais nas áreas citadas. Sócio-Efetivo da Abciber, Associação Brasileira de Cibercultura. E-mail: decio_f@terra.com.br

Referências

ANDERSON, C. **Free. The future of radical price.** USA: Hachette Books, 2009.

ARCELOR MITTAL. **Economia Circular.** Março, 2016. Disponível em <<http://blog.arcelormittal.com.br/o-aco-e-a-economia-circular/>> Acesso em: 24.04.2018.

BENCHMARKING BRASIL. **Website institucional, de prêmios e informações.** < Disponível em: <http://benchmarkingbrasil.com.br/programa-benchmarking/> > Acessado em: 22.01.2018

CARR, Nicholas. **A brutal intelligence: AI, Chess and the human mind.** Julho de 2017. Disponível em: <https://lareviewofbooks.org/article/a-brutal-intelligence-ai-chess-and-the-human-mind/#!>>. Acesso em 16.04.2018.

DE OLIVEIRA, A. C. Epistemologias do Sul (Sinopse). **Revista Espaço Acadêmico** (meio digital). Maringá, n.119, p.194-197. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/EspacoAcademico_Abril2011.pdf >, Acesso em: 25.09.2017.

DI FELICE, M.; TORRES, J.C.; YANAZE, L.K.H. **Redes digitais e sustentabilidade.** As interações entre o meio ambiente na era da informação. São Paulo: Annablume: 2012;

_____, **Net-Ativismo.** Da ação social para o ato conectivo. São Paulo: Paulus, 2017.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens. Uma breve história da humanidade.** Porto Alegre: L&PM, 2017.

HENDERSON, H. **Transcendendo a Economia.** Uma visão integrada dos paradigmas emergentes transformando, pela essência, nossa concepção de governo, política, educação, empresa, trabalho em vida em sociedade. São Paulo: Cultrix /Amana: 1991.

ISTO É DINHEIRO. **Elon Musk.** Disponível em: < <https://www.istoedinheiro.com.br/elon-musk/> > Acessado em: 24.04.2018.

JAMESON, F. **Postmodernism – or, the cultural logic of the late capitalism.** Grã-Bretanha: Verso Books, 1991.

NASCIMENTO, E.P. Decrescimento: Uma nova utopia? **Revista Benchmarking** (meio digital). São Paulo, n.13, p. 32-34. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/1869350-Revista-Benchmarking-Edicao-15/>. Acesso em: 25.09.2017.

NAISBITT, John. **High Tech, High Touch.** USA: Nicholas Brealey, 2000.

NEGRI, Antonio. **Cinco lições sobre o Império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PASQUINELLI, Matteo. **Abnormal encephalization in the age of machine learning**. Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/75/67133/abnormal-encephalization-in-the-age-of-machine-learning/>. Acesso em: 16.04.2018.

RICCI, L.A.L. **A morte social**. Mistanásia e bioética. São Paulo: Paulus, 2017.

SUPER INTERESSANTE. **Computador vence humano em go, jogo mais complexo que xadrez**. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/tecnologia/computador-vence-humano-em-go-jogo-mais-complexo-que-xadrez>> Acesso em 16.04.2018.

WIKIPEDIA. **Alan Turing**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Teste_de_Turing>. Acesso em 16.04.2018.